



ROTEIRO DeLeitura versão completa

Contos MÁGICOS RUSSOS

O Falcão Brilhante e outros contos

Esta obra nos dá a oportunidade de conhecer um pouco da cultura russa. Sabemos que há grandes diferenças entre algumas tradições eslavas e as nossas, não só por conta do conjunto de eventos histórico-sociais que marcaram o que comumente se chama de “a alma russa”, mas também (muito, quem sabe), pelas condições geográficas/climáticas tão opostas. Ainda assim, é possível encontrarmos grandes semelhanças, visto que vamos tratar da essência do ser humano.

Sem a pretensão de explicar “tudo” e para não correremos o risco de destruir o “feitiço” da história, nossa intenção é a de fornecer e abrir leques de possibilidades dentro do processo de construção das várias leituras latentes. Ou seja, contribuir para que consigamos estimular nossos leitores a irem além da superfície, além do óbvio e, a seu próprio modo, criarem significados e estabelecerem relações.

A estória só alcança um sentido pleno para a criança quando ela é quem descobre espontaneamente e intuitivamente os significados previamente ocultos. Esta descoberta transforma algo recebido em algo que ela cria parcialmente para si mesma. (BETTELHEIM, 1979, p.206)

Um pouco da simbologia, da história, da tradição

É claro que quando falamos em *Contos Mágicos* estamos lidando com um universo de mitos, lendas, tradições, superstições, folclore e muito mais, por isso, nossa escolha foi traçar um breve panorama sobre o que seria mais marcante e que pudesse nos auxiliar a compreender melhor a atmosfera que paira no conjunto dos contos, detalhando algumas particularidades de cada uma delas, destacando as imagens e os símbolos que *revelam velando*.

Em nossa abordagem, ao nos depararmos com elementos já citados, faremos uma referência a sua citação anterior.

Temática e estrutura narrativa

Podemos identificar nos contos Ritos de Iniciação que são caracterizados pelas diversas tarefas ou estágios por que passam as personagens. São descobertas, um amadurecer com suas delícias, suas dores e seus temores.

Notamos que há uma polarização das personagens. Deixando de lado as complexidades que caracterizam as pessoas reais, as narrativas nos trazem tipos que acabam criando vínculos de identificação com os leitores, que projetam expectativas e, através de seus medos e anseios, passam a torcer, a sofrer e a vibrar.



Atividades sugeridas como *aquecimento*

- Como primeiro passo, sugerimos que se faça um rápido reconhecimento geográfico da região abrangida pela Rússia e os países vizinhos, salientando que por conta de sua localização há invernos muito rigorosos, o que explica a presença da neve e do frio em alguns dos contos.
- Como o **czar** é personagem importante em diversos contos, para os alunos um pouco mais maduros, pode-se favorecer um primeiro contato com a história política da Rússia através do documentário **Fim dos Czares na Rússia** no DVD da série – História – Os Dias Que Abalaram o Mundo 5 – Superinteressante/BBC.
- Apresentar aos alunos o DVD do desenho animado: **Bartok o Magnífico**. Uma aventura bem leve e agradável em que é possível conhecer um pouco sobre Baba-Yaga e ainda algumas características do povo russo, como sua devoção ao czar e a relação com a natureza.

O Falcão Brillante – A personagem central do conto – Maryushka – a filha caçula, é a pessoa dócil que se mantém em isolamento, assim como o adolescente moderno se sente com frequência isolado, rodeado por familiares que não o entendem, e no caso dela, além de explorá-la, só se preocupam com o exterior, com o banal.

Por trás de sua visível ingenuidade, porém, está a sabedoria que a leva à busca do objeto mágico – *A pena que a levará ao Falcão Brillante*.

Penas (plumas) – por serem a pele do pássaro têm o poder mágico de transmitir suas virtudes; além de um simples ornamento, podem significar o método de se alcançar o poder de se transformar nele.

Falcão – símbolo másculo, de superioridade física, intelectual e moral, indica uma vitória quer adquirida ou em vias de ser adquirida.

Para alcançar o que almeja Maryushka deve cumprir suas tarefas, ser capaz de quebrar, rachar o ferro – três pares de sapato de ferro, três barras de ferro e três gorros de ferro, adentrando na floresta.

Ferro – símbolo da robustez, dureza, inflexibilidade, obstinação.

Floresta – por sua obscuridade, simboliza o inconsciente.

Três – número fundamental, simboliza a triunidade do ser vivo, número perfeito, expressão da totalidade, da conclusão, nada lhe pode ser acrescentado, unidade espiritual (Deus é um em três), e tempo é triplo (presente, passado, futuro).

Dos vários animais que aparecem como auxiliares em sua jornada destacamos o lobo.

Lobo – enxerga de noite, sendo o símbolo da luz, do herói guerreiro.



Lágrimas – símbolo da dor e da intercessão, da transfiguração, da fecundidade do amor e da perseverança.

Casamento – no processo de construção da individualidade, simboliza integração da personalidade, a conciliação do inconsciente, princípio feminino com o espírito, princípio masculino. Origem divina da vida, da qual a união entre o homem e a mulher é apenas um canal transitório.

Maryushka, então, para alcançar a liberdade daquele mundo que a oprime, precisa vencer a inflexibilidade (*ferro*), explorar seu próprio “eu” (*a floresta*), conhecer-se em sua totalidade (três), enxergar onde não há luz (lobo) e assim através de seu sofrimento e alegria (lágrima) alcançar a união (casamento) que significará a transcendência eterna.

Baba-Yaga – em russo, ucraniano e búlgaro, no folclore eslavo, é uma personagem imaginada como bruxa, senhora da magia e espírito da floresta. “Baba” significa “avó ou mãezinha” e “Yaga” é diminutivo de Yadviga, nome eslavo derivado do alemão e equivalente ao português Edviges. Pela descrição, a cabana de Baba-Yaga se assemelha às cabanas elevadas construídas pelos siberianos para proteger seus suprimentos de animais selvagens e também para abrigar seus ídolos. Cabanas como essas, circundadas de paliçadas, também foram usadas em rituais de cremação na Rússia antiga.

A narrativa se inicia com a morte da mãe e a introdução da primeira personagem antagonista, a madrasta, que é também irmã da bruxa.

Morte – separação, fim absoluto, símbolo do aspecto perecível da natureza e, ao mesmo tempo, a introdutora aos mundos desconhecidos (Inferno ou Paraíso, em alguns casos), um acesso a uma vida nova, verdadeira, uma metamorfose, uma passagem para outro estado, como uma transmutação da alquimia.

A morte da mãe seria o pivô do *Rito de Iniciação*, da transformação da menina em mulher, que precisa ser capaz de suportar o medo do encontro com o apavorante (Baba-Yaga), para permitir a “morte do que deve morrer”, o processo de germinação, evolução. Filha da noite e irmã do sono, a Morte possui também o poder de regenerar, o que não impede que seu mistério seja cercado de angústia, no caso da menina, a insegurança e os conflitos a serem superados sem a proteção da figura materna.

A menina conta com o auxílio e os conselhos de uma tia, que estabelece o vínculo entre ela e a Natureza.

Gato – seu simbolismo oscila entre o benéfico e o maléfico, em algumas culturas (Japão), tanto é um sinal de azar, como de sabedoria; na Cabala e no budismo aparece associado à serpente, indicando o pecado; no Egito era venerado como benfeitor e protetor do homem;



em algumas tradições é um símbolo de sagacidade e clarividência. A menina é orientada a alimentar o animal com toucinho, a gordura animal que, para os caçadores, é símbolo de abundância e, em muitos rituais, está ligada à fecundidade.

Cão – sua simbologia apresenta também aspectos ambivalentes, aparece ligada à clarividência, mas também ao mundo dos guerreiros, símbolo de potência sexual, de vitalidade, da gula e da fidelidade. No Tibete, aparece como signo do apetite sensual e do ciúme. Devido à origem do conto, podemos considerar também a vertente que o associa como responsável pela queda do homem, uma vez que não cumpriu o papel de preservar o homem de seus encontros com o diabo. A menina dá aos cães, carne fresca, ou seja, lida com a questão da saciedade dos impulsos “carnais”.

Portão – local de passagem entre dois mundos, o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, guardião.

Bétulas – para os siberianos uma árvore sagrada, ligada aos rituais de iniciação, o caminho por onde a aspiração humana é conduzida ao alto. Na Europa oriental, na Ásia central e particularmente na Rússia, simboliza a **primavera e a donzela** (nome de um célebre conjunto russo de cantos e danças, composto somente por moças). As bétulas são tratadas com delicadeza, cuidadas e adornadas, tornando-se doces e deixando a menina prosseguir em seu caminho do amadurecimento.

Um rápido esboço do enredo mostra: a saída (morte) de um dos membros da família propicia o surgimento da antagonista, esta tenta se livrar da heroína que apesar de se deixar enganar, desconfia e se aconselha com a sua Natureza Selvagem; a heroína é submetida a diversas provas (tarefas) e ao final o Mal ou carências iniciais são reparados pelo seu retorno e triunfo, encerrando o ciclo que retrata uma personagem que em sua normalidade era boazinha, conformada e infeliz e se arrisca mata adentro à procura de sua intuição e realização.

Sivka-burka – Começaremos pelo título do conto, em russo: *Sivka* – cavalo claro; *burka* – capa de feltro usada no Cáucaso, provavelmente em suas versões originais o cavalo era branco e usava um manto.

Um dos aspectos mais marcantes que vamos destacar no conto é o tom de elevada moral, o humilhado, o fraco vence, é o caso de uma das mais populares personagens humanas da tradição russa: Ivan o Tontinho – o filho caçula do camponês. No conto, Ivanushka, diminutivo de Ivan, (Joãozinho) era considerado bobo, por isso, não lhe davam muita atenção ou importância. No entanto, seus dois irmãos cochilaram e não conseguiram desvendar o mistério do campo amassado. Neste caso, vemos que a simpatia gerada pela personagem evidencia a base dos valores éticos do povo russo: para triunfar na vida é necessário ser espontâneo e humilde. Quanto à ordem social, é também significativo que Ivan chegue sempre ao trono, é uma prova de que para o povo não há distância entre o trono e o camponês; que o mujique,



camponês russo, de antes da revolução de 1917, considera a natural que um dos seus atinja o poder máximo.

Ivan desvenda o mistério, por sua lealdade guarda o segredo do cavalo e ganha um aliado na conquista de seu desejo – a filha do **Czar** (algumas vezes grafado como tsar, tzar ou csar): líder autocrático, com poder ilimitado e absoluto, seria o título oficial do soberano da Rússia desde o séc. XVI (a partir da proclamação de Ivã IV, o Terrível, em 1547, até 1721, quando o título oficial passou a ser o de imperador), no entanto esta denominação continuou a ser usada informalmente até à revolução de 1917.

Rei – é concebido como uma projeção do eu superior, um ideal a se realizar, os desejos de autonomia, de conhecimento integral, de consciência, o herói, o pai, o sábio, o arquétipo da perfeição humana, imagem esta que em alguns momentos pode perverter-se em tirania como expressão de uma sede de poder mal controlada.

Cavalo – à noite, vidente e guia, os asiáticos o consideram capaz de entender e falar como um homem. Marca da impetuosidade do desejo e da juventude do homem, o animal simboliza o umbral da puberdade, o ardor, a fecundidade, a potência criativa, a valorização e o amadurecimento sexual e intelectual.

Nosso herói, que logra tornar-se o sucessor do czar, através de sua união com a bela princesa – a *Filha do Rei* que lhe é concedida como recompensa por sua audácia e coragem –, atravessa os portais da puberdade, passa da infância para a maturidade e torna-se adulto e poderoso, capaz de realizar seus desejos materiais e físicos.

A branca-de-neve russa – *Snegorochka* – a donzela de neve dos contos populares russos.

Mais uma vez temos o retrato da simplicidade e singeleza, através de uma família **pobre** que sonhava em ter uma filha. Sua felicidade se concretiza através do milagre da transmutação e a água (fonte da criação e ao mesmo tempo de destruição) se solidifica quando uma boneca de neve ganha vida. O que era diáfano, instável, efêmero passa a ser perene. A narrativa se inicia no inverno e a personagem principal era muito pálida – referência ao Branco, cor que predominava na paisagem dominada pela neve.

Branco – sua simbolização passa por dois pólos – ausência de cor (Morte) soma das cores (Vida). É a cor dos Ritos de passagem, nos quais se operam as mutações do ser, segundo o esquema clássico da iniciação: morte e renascimento. Primitivamente é a cor do luto, e ainda permanece assim em todo o Oriente, é a cor das almas do outro mundo, cor da pureza, cor neutra, mostrando que nada foi realizado ainda, origem da *brancura virginal*.

A personagem de Snegorochka marca a pureza e ao mesmo tempo a instabilidade, causando a dissolução do noivado da amiga. Cabe ao *Czar Berendei* – que enquanto personagem



folclórico representa a sabedoria popular e a harmonia entre os elementos da natureza – julgar a situação (sobre czar observar comentários sobre conto **Sivka-Burka**).

A natureza segue seu ritmo de renovação, de Vida e Morte e no início da primavera, o sol, a tristeza e as lágrimas de Snegorochka fazem-na retornar a sua forma primeira, a sua essência: água e vapor, indicando o ciclo das águas na natureza, o fim e o início, a morte, o renascimento e a vida.

Os dois irmãos – Novamente, o conto relata uma situação de dificuldade: dois jovens órfãos e a luta pela sobrevivência em uma sociedade que não demonstra preocupação com sua sorte. A morte dos pais tem também uma significação iniciática (ver explicação sobre o conto **Baba-Yaga**) e para a menina o casamento se mostra uma solução (sobre casamento observar **O Falcão Brillhante**). O conto traz a transmutação de seu irmão Ivanushka em *cabrito* (agilidade, impulsividade, daí a palavra capricho) e o banho de rio como fator de aprisionamento de Alyonushka.

Rio – fluir das águas, possibilidade universal, fluidez das formas, fertilidade, morte e renovação, seu curso é a corrente da vida e da morte, simboliza a existência humana com sua sucessão de desejos, sentimentos e intenções e a variedade de seus desvios. No sentido simbólico do termo, mergulhar no rio significa para a alma entrar num corpo. O banho é universalmente o primeiro dos ritos que sancionam as grandes etapas da vida, em especial o nascimento, a puberdade e a morte. A imersão satisfaz uma necessidade de segurança, de recuperação, de retorno à fonte da vida, de regresso uterino, é uma espécie de enterramento, um momento de esquecimento, renúncia a sua própria responsabilidade.

Assim, podemos observar: uma situação de desequilíbrio, uma fuga – a busca de sua essência, de renovação e a reparação final, o restabelecimento da harmonia, Alyonushka então volta à vida completa, “mais bela do que nunca”.

Masha e o urso – Neste conto temos a retomada de alguns elementos já citados anteriormente como: *A Morte dos pais* – separação, fim e início, pivô do Rito de Iniciação.

(ver **Baba-Yaga**); *Floresta* – o inconsciente. E o *Urso* – em algumas tradições é considerado o ancestral da espécie humana, daí o mito de mulheres raptadas por ursos. Nos registros da alquimia, o urso corresponde às fases iniciais da evolução. Sua cor é o preto da matéria primeira. Poderoso, violento, perigoso como uma força primitiva, foi tradicionalmente o emblema da selvageria, da crueldade, da brutalidade. Mas, outro aspecto do símbolo surge aqui, o urso pode ser numa certa medida, domesticado: dança e é hábil com uma bola. Pode-se atraí-lo com o mel, pelo qual é apaixonado. Simbolizaria, em suma, as forças elementares suscetíveis de evolução progressiva, mas capazes também de terríveis regressões.



Masha parte em busca do conhecimento – do mundo e de si mesma – depara-se com o obscuro, com a dualidade de sua própria natureza, amadurece e consegue elaborar/ reelaborar suas questões intrínsecas.

O pato branco – No conto temos um relacionamento que passa por uma fase de monotonia, a princesa então não segue as recomendações do príncipe e como castigo é enganada, transmutando-se em pato branco após um banho no riacho (ver **Os dois irmãos** – *Rio e Banho*), uma impostora (bruxa) toma o seu lugar.

Pato – em várias culturas sua simbologia se liga à do ganso selvagem que simboliza a fidelidade conjugal e na Rússia é ainda usado metaforicamente para designar a mulher desejada. O pato pode significar também a união e a felicidade conjugal, às quais se acrescenta por vezes a noção de força vital.

A princesa, em sua insatisfação, mergulha na busca pela sua realização, transforma-se, mas não consegue retomar seu lugar, é preciso que ela procrie e através desse laço de sangue, da doação da vida, seja possível encontrar o caminho de volta ao lar e a si mesma.

O senhor do gelo – Morozko o senhor do gelo, presente na tradição russa como o guardião nos invernos frios e rigorosos.

Aqui temos: a morte da mãe (ver **Baba-Yaga**), a introdução da antagonista – a madrasta, uma figura paterna que é fraca e abandona sua filha na floresta (no desconhecido) e a polarização entre as duas meninas – a filha e a enteada. Da menina que sofre e se transforma em mulher, vemos um Rito de Iniciação e transformação.

O conto traz uma moral subjacente: o Bem vence o Mal, mas não sem lutas e merecimentos. A menina “boazinha” suporta as adversidades, como o frio, sem reclamar, é recompensada e volta como uma moça que cresceu e deu frutos (netos), venceu a rejeição e retomou seu lugar. Já a madrasta e sua filha, por conta da arrogância e da cobiça, sucumbem aos seus próprios desejos e são punidas.

O arqueiro e a princesa – Neste conto, destacamos a figura do *Cavalo* como o sábio, o conselheiro, um alter ego do arqueiro, sua consciência instintiva.

Arqueiro – um homem que se identifica com seu alvo, seja para se alimentar como também para provar sua bravura e habilidade. Simboliza o desejo de posse e domínio.

Fênix – pássaro mítico que tem o poder de – depois de se consumir em uma fogueira –, renascer das cinzas. Longevidade, ressurreição, imortalidade, reaparecimento cíclico. A fênix evoca o fogo criador e destruidor.

Caldeirão – Em boa parte da Ásia, é o nome de numerosos heróis **Kazan**. Na epopéia Er Tostük



(Quirguistão, Ásia Central) o caldeirão mágico é um dragão sugador de sangue e o herói é salvo por seu cavalo mágico. O caldeirão simboliza ainda o local e o meio de revigoração, de ressurreição, em suma, das profundas transformações biológicas. Pode ser entendido igualmente como um indício do nascimento de um novo ser, através da morte e do cozimento.

O arqueiro se envolve em perigos ao não ouvir a voz do bom senso, passa por aventuras e desafios, aprende que precisa estar atento aos seus instintos. Atende a todas as condições para atingir a autonomia, a perfeição (ver *Rei* em **Sivka-Burka**) chegando ao topo da maturidade e do poder.

A raposa, a lebre e o galo – Espécie de conto acumulativo, apresenta diversos elementos (cão – urso – touro e galo) que se sobrepõem para a conquista de um objetivo. De origem remota, este tipo de narrativa está muito ligado ao folclore e às tradições orais.

Estes contos são tradicionais nas mais diversas culturas, na forma de narrativas ou mesmo canções, assumindo formatos com maior ou menor semelhança. Sempre há uma relação lógica ou um padrão na sequência de elementos, em nosso exemplo: a força crescente, que é superada pela argúcia do último animal.

Para melhor explorar a estrutura seria proveitoso estabelecer uma relação intertextual com outras narrativas, há inúmeros exemplos dos quais citamos: *A velha a fiar* – canção (disponível entre outros em CD do grupo Palavra Cantada) com os elementos: velha, mosca, aranha, rato, gato, cachorro, pau, fogo, água, boi, homem, mulher e a morte. E ainda para os alunos mais jovens os contos *Manhã atrapalhada* de Sônia Junqueira, e *A casa Sonolenta* de Audrey Wood.

O nabo – Seguindo a mesma linha de interpretação e análise do conto anterior, este é, na Rússia, um dos contos mais difundidos: o vovô que não consegue arrancar um nabo e pede a ajuda da vovó, que chama a neta, que chama o cachorro, que chama o gato, que chama o rato e só então o nabo é finalmente arrancado.

O peixe dourado – Neste conto, o velho é o símbolo do desapego ao material, da tranquilidade: ele não enxerga a Felicidade no peixe. Já a mulher, em sua cobiça e ambições desmedidas, deposita nos bens materiais toda a sua esperança, os vê como a concretização de seus sonhos e o caminho para a Felicidade completa.

Peixe – sabedoria, vida e fecundidade, símbolo que pode ser transferido para o plano espiritual.

Na China, é o símbolo da sorte. No Egito, são silenciosos e desconcertantes, escondidos, porém brilhantes. Na astrologia, simbolizam o mundo interior.

O peixe não questiona os pedidos do velho, embora fique claro que o pescador esteja constrangido com as exigências cada vez maiores de sua mulher. O peixe poderia trazer rique-



zas e abundância para a família pobre, mas o conto traz a lição de que muitas vezes não enxergamos as consequências de nossos desejos e podemos perder tudo transformando-nos em vítimas de nós mesmos.

As maçãs da juventude e a água da vida – O conto traz um rei com medo da velhice e da morte e que arrisca a vida de seus três filhos para vencê-las. Devido a sua relevância, destacaremos os seguintes elementos constitutivos da narrativa: Maçã, Água, Encruzilhada e Baba-Yaga.

Maçã – conhecimento, ciência, magia, revelação, fruto que mantém a juventude, símbolo de renovação e de frescor perpétuo. A maçã, por sua forma esférica, significaria globalmente os desejos terrestres e a submissão a eles. No cristianismo, é o símbolo do conhecimento e a colocação da necessidade de escolher entre os desejos terrestres e a espiritualidade.

Água – dentro de uma extensa gama de significações simbólicas, podemos resumi-las a três temas dominantes: fonte da vida, meio de purificação e centro de regeneração.

Encruzilhada – centro do mundo, um lugar de passagem de um mundo a outro, de uma vida a outra – da vida à morte. Cada ser humano é em si mesmo uma encruzilhada onde se cruzam e se debatem diversos aspectos de sua pessoa. Qualquer que seja a civilização, a encruzilhada representa a chegada diante do desconhecido, e a reação natural é o medo, a inquietação. É igualmente o lugar do encontro com os outros, tanto exteriores como interiores. É um local privilegiado para emboscadas: exige atenção e vigilância. Na verdadeira aventura humana, a aventura interior, não encontramos senão a nós mesmos na encruzilhada. Cada nova encruzilhada oferece uma nova possibilidade de escolher o caminho certo. Com uma única ressalva: as escolhas são irreversíveis.

Baba-Yaga – e suas duas irmãs aparecem novamente como as bruxas, que são assustadoras, mas que se forem tratadas com respeito, podem ser de grande auxílio. Suas casas, as *izbas*, pertencem ao mundo animal, as pernas de galinha andam de um lado para o outro e até rodopiam saltitando. Essa casa é um ser vivo, transbordante de entusiasmo e de vida, revelando um dos traços da psique humana, o selvagem e a alegria.

Os irmãos mais velhos traem Ivan, e assumem as honras por realizar o desejo do velho rei, mas a mentira é descoberta e Ivan não só triunfa como se une à poderosa rainha e guerreira Sineglazka, em russo *Sineglásni* – de olhos azuis – com a qual tem dois filhos.

Atividades pós-leitura

- É sempre proveitoso explorar o recontar das histórias pelos alunos. Aproveitar para aprofundar os conhecimentos através de questões como: O que sabíamos? O que aprendemos? O que queremos saber mais?
- Refletir sobre as características culturais encontradas, as semelhanças e as diferenças entre as tradições russas exploradas e as nossas lendas ligadas aos índios, aos animais,



às florestas. Estabelecer paralelos entre as histórias e as personagens folclóricas, como:

- Baba-Yaga e a Cuca;
- o guardião do gelo Morozko e o guardião da floresta Curupira ou Caipora;
- a lenda do Uirapuru e o falcão brilhante;
- a cidade encantada de Jericoacoara e o pato branco;
- A lenda do Guaraná e a Branca-de-neve russa;
- Boto e lara e o peixe dourado.

• Propor dramatizações que podem ser adaptadas ou não às nossas tradições, à nossa história, ao nosso clima.

Enfim, cada um com sua história e sua experiência poderá construir diversos caminhos para desvendar um pouco do “encantamento” dos Contos Mágicos Russos.

Filmes

Fim dos Czares na Rússia (documentário)

No DVD da série – História – Os Dias Que Abalaram o Mundo 5 – Superinteressante/BBC.

Bartok o Magnífico (desenho animado)

DVD. Fox, com legenda em português, 2003, 69 min., Livre.

Livros

Manhã atrapalhada de Sônia Junqueira, Ediouro, RJ, 1995 – p.15, coleção Histórias Atrapalhadas.

A casa sonolenta de Audrey Wood, Ática, SP, 1997.

Música

A velha a fiar (canção)

Disponível, entre outros, em CD do grupo Palavra Cantada e no CD Parque do Gugu – Polygram.

Bibliografia

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CHEVALLIER, Jean. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

CHOSTAKOWSKY, Paulo. *História da literatura russa*. São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1948.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VOINOVA, N.; VERKHUCHA, V.; ZDITOVETSKI, A. *Dicionário Russo-Português*. Moscou: “Russki Yazik”, 1989. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* on-line, disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?>

ROTEIRO DeLeitura elaborado pela profa. *Gláucia Jacuk Herman*, Bacharel em Português e Russo pela FFLCH/USP, Licenciada em Português pela FE/USP; Especialista em Português, Língua e Literatura pela UESP; Mestra em Comunicação pela UNIP. Professora de Redação Publicitária e Comunicação e Expressão, na UNIP; Comunicação e Expressão em Inglês, na FIT.